

Integrando Psicoterapia e Espiritualidade: Algumas Reflexões Gestálticas e Psicodélicas sobre a Prática Clínica

Integrating Psychotherapy and Spirituality: Some Gestaltic and Psychedelic Thoughts on Clinical Practice

Fábio Nogueira PEREIRA

Doutor e Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo. Graduado em Psicologia (ênfase na área educacional) pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (2003) e bacharel em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (2002).
E-mail: fabionogueirapereira@gmail.com

RESUMO:

Discutimos questões suscitadas pelas investigações sobre psicoterapias assistidas por psicodélicos, sobretudo sobre apropriação indevida de saberes ancestrais, necessidade de considerar experiência inefáveis e espirituais, bem como a limitação descritiva e analítica da ciência ocidental materialista para abordar tais fenômenos. As experiências relatadas por pacientes descrevem aspectos relativos à espiritualidade e produções de sentido em situações de consciência não-ordinária, fenômenos ainda pouco estudados pelo *mainstream* acadêmico. Defendemos que tais investigações se beneficiariam de diálogos com epistemologias ameríndias e do saber xamânico. Igualmente há a necessidade de um posicionamento político e ético mais claro de reconhecimento do saber produzido pelos povos originários.

PALAVRAS-CHAVE: psicodélicos, psicoterapia, espiritualidade, Gestalt-terapia, xamanismo.

ABSTRACT:

This essay discusses issues raised by research on psychedelic-assisted psychotherapy, especially regarding the misappropriation of ancestral knowledge, the need to consider ineffable and spiritual experiences, and the descriptive and analytical limitations of materialistic Western science in addressing such phenomena. The experiences reported by patients describe aspects related to spirituality and the

production of meaning in situations of non-ordinary consciousness, phenomena that have not been sufficiently studied by mainstream academia. We argue that such research would benefit from dialogues with Amerindian epistemologies and shamanic knowledge. There is also a need for a clearer political and ethical stance in recognizing the knowledge produced by indigenous peoples.

KEYWORDS: psychedelics, psychotherapy, spirituality, Gestalt therapy, shamanism.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS: DE ONDE PARTIMOS

As terapias tradicionais dos ameríndios nos abrem as portas do Espírito e nos ensinam que toda doença é espiritual. Assim, o processo de cura, o ato terapêutico, tem por finalidade trabalhar sobre as interrupções do contato com o sagrado. São terapias do vínculo e da religação com o visível e o invisível. E o laço consigo e com o ambiente coloca-nos no caminho do Espírito, no caminho de Si (Delacroix, 2022, p. 365).

O presente ensaio teórico tem o intuito de fomentar discussões e diálogos entre psicoterapia (mais especificamente pela mirada da Gestalt-terapia), espiritualidade e psicodélicos, sem sistematicamente ou exaustivamente cobrir a produção acadêmica dos temas abordados. Apesar de não se utilizar de um levantamento formal da literatura, buscou-se referências que possibilitaram tecer pontos de interseção entre as áreas consideradas discutindo alguns atravessamentos epistemológicos e políticos que parecem passar despercebidos tanto pelos pesquisadores das psicoterapias assistidas por psicodélicos como pela comunidade psi ampliada, tais como a natureza da consciência, o papel da Psicologia e do psicoterapeuta, o campo de forças e processos que produzem as fenomenologias do adoecimento e da saúde, entre outros. A introdução de novas tecnologias de saúde e os desafios éticos e técnicos das recentes pesquisas têm se revelado um campo fértil para reflexões necessárias para o desenvolvimento científico e questionar o posicionamento da sociedade quanto a experiências espirituais e não-ordinárias de consciência. Seguindo este norteamento, questionamos a necessidade da Psicologia se voltar para as reflexões trazidas pela filosofia psicodélica, sobretudo a dos povos originários.

Diante da aceleração dos ciclos de mudanças e do nível de complexidade das relações humanas no capitalismo tardio, sobretudo em relação a novos horizontes cognitivos e cognoscentes, a Psicologia é convocada novamente a se adaptar (Amorim Júnior *et al.*, 2024). Na mesma medida, o redescobrimto psicodélico coloca em xeque muitas teorias sobre processos psicológicos, relacionamentos interpessoais e relações ecológicas. Surgem dúvidas concernentes à capacidade de produzir teorias alinhadas com evidências e respeitando quesitos éticos de investigação numa ceara que envolva fenômenos inefáveis.

Talvez, certo ceticismo quanto às metodologias adotadas para a coleta de dados nas investigações em curso e a produção de sentido em situações de consciência não-ordinária seja válido para nos lembrar de que outras epistemologias são possíveis para descrever e compreender o vivido (Langlitz, 2023; Vollet, 2023), senão necessárias a fim de ampliar o espectro descritivo e semântico dos dados coletados.

A comunidade científica e a mídia têm voltado sua atenção novamente para substâncias que prometem transformar o paradigma atual das neurociências e da saúde mental. Tais substâncias, por outro lado, não são de fato uma novidade, uma vez que ao longo da História, fizemos uso delas para vivenciar estados não-ordinários de consciência com propósitos diversos (Arnaud; Sharpe, 2023; Freitas, 2023; Kopenawa; Albert, 2019; Naranjo, 2000, 2020; Reiff *et al.*, 2020; Rodrigues, 2019; Winkelman, 2010, 2021). Talvez muitas pessoas não se deem conta, mas o cafezinho diário é um exemplo do uso de uma bebida com a finalidade de modificar nossa capacidade de experienciar e produzir sentidos. São substâncias que alteram nossa percepção e nossa consciência, e que foram e são usadas para fins espirituais, medicinais e recreativos em sociedades variadas (Williams *et al.*, 2022). Winkelman (2021) sugere uma hipótese de coevolução entre homínídeos e fungos produtores de moléculas moduladoras de receptores serotoninérgicos e dopaminérgicos, ressaltando o desenvolvimento de processos cognitivos e afetivos pela espécie humana importantes para sua sobrevivência através de seu uso intencional.

A fim de marcar os diferentes usos dessas substâncias é comum encontrarmos na literatura referências a psicodélicos, a enteógenos e tantos outros termos – aos quais não vamos nos ater ao detalhamento para não fugir do escopo do presente texto. Ambos os termos, psicodélico e enteógenos, se recorrermos a sua etimologia grega sugerem sua aplicação pela medicina contemporânea. Os radicais ψυχή (*psyche*) significam alma ou mente e δηλεῖν (*delein*) revelar ou manifestar – sendo assim para o primeiro vocábulo temos o significado para substância que revela a mente ou alma. Para o segundo termo, os radicais ἔνθεος (*entheos*) significando inspirado ou repleto de deus e γενέσθαι (*genesthai*) sugerindo vir a ser – ou seja, substância que nos torna inspirados pelo sagrado (Freitas, 2023; Johnstad, 2020). Diversos povos sistematizaram conhecimentos sobre a utilização de uma gama de fitoterápicos, fungos e excreções de animais em associação com outras tantas tecnologias, bem como invocação de espíritos, cantos e danças, por exemplo, para o tratamento individual e coletivo de sofrimentos naturais e sobrenaturais (Evans, 2018; Naranjo, 2000, 2020; Learn, 2021; Metcalfe, 2023; Rodrigues, 2019; Williams *et al.*, 2022; Winkelman, 2010, 2021). Elas têm sido usadas há séculos, inclusive pelos povos originários latino-americanos, de onde boa parte do interesse científico se originou e são cada vez mais comum nos centros urbanos em cerimônias neoxamânicas, objeto de etnoturismo, biopirataria e degradação ambiental (Hauskeller *at el.*, 2023; Williams *et al.*, 2022). Preocupação essas relevantes por motivos éticos, políticos, ecológicos, filosóficos, entre outros.

O interesse nesses psicofármacos é retomado por um movimento nomeado por alguns autores como “renascimento psicodélico”, remetendo ao início da iluminação na transição do período medieval para o moderno – um posicionamento demasiado eurocêntrico e colonialista (Hauskeller *et al.*, 2023; Williams *et al.*, 2022). O atual paradigma e sua veia racional não combinam bem com atitudes de entrega e transcendência, êxtase e perda de controle sobre si, de maneira que experiências nas quais nos deixamos estar e fluir junto ao momento, mais alinhados com o *pathos* (πάθος), são consideradas vergonhosas, marginais ou patológicas e devem ser evitadas (Evans, 2018; Naranjo, 2005; Winkelman, 2010), nos alijando da noção e da experiência de transcendência (Ribeiro, 2009). Logo nos princípios da clínica psicológica, Freud refutava experiências espirituais e transcendentais como fuga oceânica e atitudes infantilizadas (Carhart-Harris *et al.*, 2014; Naranjo, 2000). Desde então, a Psicologia tem se esforçado para ocupar um lugar entre as disciplinas científicas ao longo do último século. Seu direcionamento para estudos com evidências e a especialização de suas subáreas de conhecimento e atuação profissional são dois breves exemplos da tentativa de delinear suas teorias e práticas.

Entretanto, podemos lembrar que psicoterapia, espiritualidade e substâncias psicodélicas compartilharam um trecho deste período de reafirmação do status científico da Psicologia, sobretudo entre as décadas de 1960 e os dias atuais (Naranjo, 2013, 2020; Passie; Guss; Krähenmann, 2022; Reiff *et al.*, 2020). Haja vista os avanços investigativos, a Psicologia teve e tem seus fundamentos epistemológicos e metodológicos questionados, o que nos direciona para um retorno a discussões metafísicas e o desenvolvimento da filosofia psicodélica, a qual pode contribuir em discussões sobre a espiritualidade, a produção de sentidos e teoria da mente. A “primeira onda” de investigações psicodélicas ocidentais reconhecia a importância dessas experiências para ampliar o potencial criativo e examinar questões filosóficas diversas (Freitas, 2023). Contudo, não dispunha do rigor metodológico requisitado atualmente e muitos autores pareciam se render a certa euforia, numa atitude *naïve* frente às repercussões do uso de psicodélicos terapêutica e recreativamente.

NOVOS HORIZONTES: PSICOTERAPIA E DIÁLOGOS COM DIMENSÕES ALÉM DA HUMANA

Existiu uma época na qual a humanidade considerava saúde física, saúde mental e espiritualidade dimensões de uma totalidade das vidas individual e coletiva (Hauskeller *et al.*, 2023; Kopenawa; Albert, 2019; Naranjo, 2000, 2020; Williams *et al.*, 2022; Winkelman, 2010). Entretanto, nossa atenção para nós mesmos foi aos poucos nos separando do restante da Natureza e produzindo um humanismo perigosamente dualista nas sociedades eurocentradas (Gray, 2006; Ribeiro, 2009; Castro, 2018). Essa mudança de direcionamento acabou por produzir uma ideologia para a qual a Natureza está ao nosso

dispor e deve ser explorada e usufruída por nós. Várias consequências surgiram dessa dicotomia: a degradação dos ecossistemas, a exploração de outros povos, a separação entre matéria e processos, e a divisão de fisiologia, subjetivação e espiritualidade. Ainda que tenhamos nos distanciado de uma compreensão monista em prol de um alinhamento ideológico moderno materialista, mecanicista e mercantilista, observamos que a psicoterapia contemporânea resguarda traços dessa ancestralidade, sobretudo nas escolas psicoterápicas compreensivas, como a Gestalt-terapia. Embora existam diferenças entre psicoterapia e espiritualidade quanto a seus fundamentos, também há um terreno comum significativo, de forma que não são territórios excludentes, se não um caminho único de nuances distintas e que levam ao mesmo fim (Delacroix, 2021, 2022; Naranjo, 2000, 2013, 2020; Ribeiro, 2009; Winkelman, 2010). A espiritualidade à qual nos referimos no presente texto remonta a uma ampla gama de crenças, sentidos, narrativas, práticas e tecnologias que envolvem uma conexão com algo maior do que o eu individual. Nos referimos, assim, a crenças, sentidos, narrativas, práticas e tecnologias religiosas ou não religiosas, sendo religião a intenção de nos ligarmos novamente a algo transcendental, transpessoal, e que compõe um grupo institucionalizado, com cultura e aspectos identitários próprios. Todavia, a espiritualidade nem sempre segue valores, conhecimentos ou práticas institucionalizadas e, dessa maneira, estamos considerando espiritualidade como um termo guarda-chuva maior que fala das experiências transpessoais e transcendentais e que engloba também a religiosidade para algumas pessoas.

A exploração do mundo interior, a busca de crescimento, desenvolvimento pessoal e bem-estar, a conexão consigo e com a comunidade e a Natureza, a superação de momentos e memórias difíceis e sofridas, a retomada de uma sensação de propósito, sentir-se presente de forma plena são algumas das interseções entre espiritualidade e psicoterapia. As explicações dos fenômenos e os instrumentos de intervenção mudaram, porém as narrativas mantêm uma raiz comum de apropriação de si e reconexão com algo maior e além do humano. Podemos considerar que a psicoterapia dificilmente percorrerá caminhos que não tocam a espiritualidade em seu sentido lato, sendo ela algo tão inerente à vivência humana (Delacroix, 2022; Naranjo, 2000; Ribeiro, 2009). Talvez, seria mais pertinente reconhecer que algumas tradições psicoterápicas se propõem mais ou menos transpessoais em suas proposições teóricas e arcabouço técnico devido a sua mirada ecológica e de uma perspectiva além do humano (Delacroix, 2021, 2022; Naranjo, 2000; Ribeiro, 2009), o que as aproxima de narrativas de povos originários que consideram o território que habitam e os demais seres que o ocupam como entes participantes da teia da vida e que cujas atitudes repercutem no cotidiano humano (Hauskeller *et al.*, 2023; Kopenawa; Albert, 2019; Williams *et al.*, 2022). A psicoterapia é tipicamente baseada em uma estrutura científica e baseada em evidências; geralmente, foca no comportamento observável e o profissional passa por um treinamento que o habilita a trabalhar dentro de um escopo legalmente regulamentado. A espiritualidade, por sua vez,

é frequentemente baseada em crenças e experiências pessoais, se volta para a transformação profunda, utilizando técnicas que envolvem intervenções na pessoa que procura ajuda, na sua comunidade e/ou no ambiente em que vive. Guias espirituais e pessoas medicina também passam por treinamento dentro de suas tradições a fim de compreenderem fenômenos a partir de uma matriz de conhecimentos transmitidos oralmente e assimilados através da experimentação direta.

Infelizmente, a psicoterapia se separou da espiritualidade em seus primórdios tanto pelo contexto moderno como pelas afirmações de Freud sobre a experiência oceânica de se perder em algo maior e atitudes regressivas e infantilizadas, ao contrário do que outros nomes igualmente notórios, como Jung e James afirmavam sobre a necessidade de estudo de experiências inefáveis (Carhart-Harris *et al.*, 2014; Winkelman, 2010). Mesmo que a modernidade tenha tentado matar o sagrado, as pessoas continuam buscando soluções para problemas cotidianos, sentido para os obstáculos que enfrentam e se conectar com valores e propósitos que as transcendem para além da dimensão humana. A Psicologia moderna se posicionou ocupando um lugar que antes era exclusivo da espiritualidade e da religiosidade. Com a concretização do Universo e nossa separação da Natureza, algum corpo de conhecimento e tecnologia deveria cumprir o papel de auxiliar as pessoas a recobrar seu papel social e retomar o propósito de vida. Na ideologia mecanicista e dualista (e por que não dizer em certa medida, humanista), fenômenos além da compreensão e do controle humanos são “proibidos” (Evans, 2018; Gray, 2006). Contudo, em meados do século XX, com a emergência da psicologia compreensiva e de cunho humanista voltou-se mais uma vez a atenção para explicações além do mecanicismo e do fisiologismo, no que poderíamos considerar como um posicionamento transpessoal desde o início deste movimento (Naranjo, 1978) e que buscava produzir sentido das experiências sem que isso necessariamente implicasse em adotar explicações que incluam necessariamente forças sobrenaturais (Momotake, 2018). Ponto este de questionamento ético, uma vez que o uso de psicodélicos associados à psicoterapia fomenta experiências que podem levar o paciente a mudar sua perspectiva sobre aspectos metafísicos, entre outros posicionamentos valorativos (Letheby, 2022; Letheby; Mattu, 2021; Johnson, 2022). A Psicologia moderna e científica se restringiu a trabalhar com o ego (Delacroix, 2022) ou a “mente pequena” (Naranjo, 2000) ao invés do todo, muitas vezes nos reduzindo a processo neurais e bioquímicos isolados, e estimulando valores egotistas em detrimento de nossa participação numa Gestalt ampliada, transpessoal e transcendental (Delacroix, 2022; Ribeiro, 2009). Um erro, pois o Universo evolui e funciona num nível transpessoal (Naranjo, 1978; Ribeiro, 2009), demandando de nós acolhimento e confirmação dos desdobramentos do campo conforme desabrocham e evoluem, de forma desapegada, ainda que com interesse, intensa participação dialogal e consideração compassiva. Algo perdido nas sociedades eurocentradas e ainda observado em povos originários (Hauskeller *at el.*, 2023; Kopenawa; Albert, 2019; Williams *et al.*, 2022).

Tal qual diversas ciências humanas, a Psicologia também se subdivide de acordo com aspectos epistemológicos e ideológicos que fundamentam suas metodologias de produção de conhecimento e proposição de tecnologias para os indivíduos e a sociedade. Dentro de sua diversidade metodológica no campo das psicoterapias, encontramos a Gestalt-terapia, uma tradição psicoterápica que foca no aqui- agora, ajudando as pessoas a se conectarem e integrarem pensamentos, sentimentos, comportamentos e outros processos vitais ativos num dado momento (Delacroix, 2021, 2022). Tal escola psicoterápica entende que a vida acontece no contato entre o organismo e o ambiente, a partir de cujas afetações sentimos, pensamos e agimos (Delacroix, 2021, 2022; Perls, Hefferline, Goodman, 1998). Esta tradição enfatiza a importância da pessoa como um todo (englobando dimensões fisiológicas, socioculturais, filosóficas, ambientais, entre outras), sua produção de sentido ao se lançar na vida e nos incentiva a assumirmos nossa participação como um dos elementos do campo produtor das fenomenologias vividas. Além disso, o organismo teria condições de se autorregular, encontrando dentro e fora de si recursos para um equilíbrio dinâmico dos processos inerentes à relação estabelecida com o ambiente (Delacroix, 2021, 2022; Perls, 2019; Perls *et al.*, 1998; Resnick, 2020). Entretanto, as condições do campo no qual o contato se processa às vezes são desfavoráveis ao organismo, dificultando a sustentação dos processos vitais pelo tensionamentos das forças contextuais presentes.

Um ponto de coincidência entre a Gestalt-terapia e a psicoterapia assistida por psicodélicos (PAP) é enfatizarem a importância da aprendizagem experiencial e de forma não-diretiva. Na primeira, somos encorajados a nos envolver em experimentos a fim de explorar e aprender sobre nós mesmos, o ambiente e a relação que estabelecemos neste encontro. Da mesma forma, a segunda busca facilitar a aprendizagem experiencial com o auxílio de substâncias psicoativas, uma vez que essas atuam de maneira a suspender tendências processuais e estimular novas formas de vivenciar e se comportar. Os manuais de pesquisas de PAP sugerem uma abordagem metodológica não-diretiva e que se baseia na capacidade de autorregulação do próprio organismo (por exemplo, Ching *et al.* 2023; Mithoefer, 2017), abrindo brechas para experiências inefáveis e com conotações espirituais que podem ser questionadas pelo paradigma atual (Letheby, 2022; Letheby; Mattu, 2021; Johnson, 2022). Novamente, reiteramos a relevância dos diálogos com a filosofia psicodélica, sobretudo quanto a temas metafísicos e sobre teoria da mente.

QUANDO OUTROS PERSONAGENS APARECEM NA PAISAGEM: INTEGRANDO OUTRAS DIMENSÕES E EPISTEMOLOGIAS AO CAMPO E AO MANEJO CLÍNICO

O xamanismo, prática tradicional encontrada em muitas culturas ao redor do mundo, envolve o uso de técnicas espirituais, como rituais, orações e meditação, para promover a cura e o bem-estar. O

termo usado para nomear este profissional (*saman*) tem origens siberianas (Winkelman, 2010) e sua práxis geralmente envolve a conexão com entidades, como guias espirituais ou ancestrais e entes não-humanos, para receber orientação e apoio (Castro, 2018; Winkelman, 2010). Muitos povos originários se relacionam com o território onde residem, os animais, as plantas e os fungos que ali habitam, bem como fenômenos naturais, numa grande teia social produtora de sentidos e de identidade social (Castro, 2018; Williams *et al.*, 2022). Nestas culturas, dimensões como arte, religião, política e medicina se sobrepõem e se complementam em grande medida. Alguns profissionais que fazem parte do movimento neoxamânico se dedicam a trabalhar com a espiritualidade desde um contexto ainda influenciado por uma matriz moderna, urbana, dualista, que se descola do fundo cultural originário – mesmo que inspirados e com boas intenções de reconectar com uma compreensão mais ampla e promotora de crescimento espiritual, de saúde e desenvolvimento pessoal e coletivo. Estes pilares de origem acabam se perdendo apesar da boa fé e do esforço de muitos que investem nesta empreitada. Um risco ao qual nos sujeitamos com os protocolos de PAP (George *et al.*, 2020; Hauskeller *et al.*, 2023; Williams *et al.*, 2022), uma vez que o fundo cultural do qual a pessoa participa também influencia sua experiência em psicoterapia, rituais xamânicos e psicoterapia assistida por psicodélicos (Eisner, 1997; George *et al.*, 2020; Langlitz, 2023).

Winkelman (2010) descreve o xamanismo como essencial para nossa espécie, nos possibilitando criar grupos mais complexos, coordenar funções sociais e significar o vivido através de simbologias. Mas, afinal, quem é o xamã? Ele é um personagem importante nas sociedades originárias porque desenvolve diferentes papéis espirituais, medicinais, políticos, religiosos e educacionais (Naranjo, 2000; Castro, 2018; Winkelman, 2010). Um xamã está além de um simples curandeiro ou médico “primitivo”. Ele trabalha para ajudar os indivíduos a se conectarem com forças humanas e não-humanas e a desenvolver um senso mais profundo de significado e propósito em suas vidas, bem como auxilia política e espiritualmente no equilíbrio de múltiplas forças. O xamã é um técnico que manipula a consciência (sua e de quem pede ajuda) em busca de informações e de potencializar aspectos dialógicos com as dimensões natural e espiritual para realizar processos de cura e transformação individual e coletiva (Delacroix, 2022; Hauskeller *et al.*, 2023; Kopenawa; Albert, 2019; Williams *et al.*, 2022; Winkelman, 2010). Podemos diferenciar tipos de profissionais que comumente são agrupados no conceito guarda-chuva xamã, como os xamãs propriamente ditos, curandeiros, médiuns, sacerdotes, feiticeros e bruxos (Winkelman, 2010), mas nos deteremos a abordar apenas duas dessas categorias no momento. Ambas são coincidentes para dois dos autores citados (Castro, 2018; Winkelman, 2010) e merecem destaque para nosso debate sobre a psicoterapia transpessoal e o papel do terapeuta, sendo elas os xamãs e os sacerdotes. Xamãs são mais comuns em sociedades de caçadores e coletores, enquanto sacerdotes mais frequentemente observados em sociedade agrícolas. O primeiro exerce a ocupação em paralelo à necessidade de produzir sua

subsistência por outros meios, já o segundo é uma atividade de tempo integral. O xamã se coloca de forma mais horizontalizada na relação com o paciente e com as forças junto às quais atua, ficando à mercê delas e necessitando agir ativamente nos processos de cura e transformação; o sacerdote, por sua vez, se posiciona verticalmente, sendo um representante através do qual quem o requisita pode ter acesso ao sobrenatural – algo que não poderia atingir sozinho. Ao emprestar a si mesmo para a negociação diplomática com o sobrenatural e os não-humanos, o xamã faz de seu corpo veículo para seu paciente, se tornando ele próprio oferenda do sacrifício. Assim, o xamã é o oficiante da cerimônia e a oferenda. Já o sacerdote, é um administrador e executor do sacrifício alheio, supervisor e sancionador dos ajustamentos necessários. Para uma compreensão gestáltica, deveríamos adotar uma atitude xamânica e não uma sacerdotal.

O xamanismo é uma prática espiritual que envolve uma relação dialógica com o mundo natural e os espíritos dos ancestrais. No entanto, também existem diferenças importantes entre psicoterapia e xamanismo. A cura xamânica foca mais nos aspectos espirituais da cura e do crescimento, enquanto a psicoterapia leva em consideração processos humanos de subjetivação, sejam eles orgânicos ou psicossociais. Além disso, o xamanismo pode envolver o uso de substâncias psicoativas, enquanto a psicoterapia normalmente não usa essas substâncias, sendo este um novo paradigma emergente a partir de pesquisas recentes. Entre os vários ofícios realizados, o xamã entoa cânticos, prescreve dietas com plantas mestras e banhos de ervas, entre outras tecnologias. As plantas mestras – aquelas que nos ensinam algo – podem ser consumidas na alimentação, fumadas, tomadas como rapé ou usadas em banhos. Algumas delas são psicoativas, outras não. Entre as psicoativas mais comuns entre povos ameríndios, podemos citar psicodélicos clássicos como a ayahuasca (na verdade é um chá com ao menos duas plantas), o peiote, o San Pedro, a jurema, e diversos tipos de cogumelos do gênero *Psilocybe*. Os princípios ativos dessas plantas fazem parte de um novo paradigma de investigações científicas na área de saúde mental que tem sido chamado de “renascença psicodélica” e sobre o qual discutiremos adiante.

Uma semelhança entre a Gestalt-terapia e o xamanismo é sua ênfase em técnicas experienciais. Ambas as tradições encorajam os indivíduos a explorarem sua experiência interior por meio de técnicas como imaginação guiada, visualização e meditação. Ambas também reconhecem a importância de se conectar com o momento presente e desenvolver um maior senso de autoconsciência. Outra semelhança que podemos apontar é o foco na responsabilidade pessoal e coletiva, enfatizando o protagonismo nos processos de cura e crescimento, ao invés de depender unilateralmente de fontes externas de apoio. O que aproxima a Gestalt-terapia do xamanismo, então, é sua versatilidade de organicamente se envolver com as dimensões sensorial, afetiva, cognitiva, interativa e produtora de sentido, tocando o Universo e nos transbordando além da consciência egotista, numa proposta transpessoal (Delacroix, 2022; Naranjo,

1978; Ribeiro, 2009). Todavia, o xamanismo sugere uma forma de diplomacia, uma interlocução política com subjetividades “estrangeiras” de entes não-humanos do campo. Isso ocorre tendo como base uma compreensão outra destes entes além do humano. Nestas epistemologias, todos os entes compartilham uma ancestralidade e se relacionam, mesmo que não nos seja evidente ou aparente, dispondo de consciência e intencionalidade em suas ações (Hauskeller *at el.*, 2023; Kopenawa; Albert, 2019; Castro, 2018; Williams *et al.*, 2022; Winkelman, 2010). Assim, não há nada que ocorra de forma passiva ou incidental, senão por autoria e interesse nas relações cósmicas estabelecidas.

O psicoterapeuta transpessoal, de influência espiritual e talvez xamânica, se dispõe a caminhar pelo vale das sombras, descer ao inferno da experiência humana, sem temer o caos e a dor (Naranjo, 2000). Este profissional se compromete a acompanhar quem lhe pede ajuda pelo caminho de atravessamento do sofrimento, lidando com o extático e se entregando às forças do campo, sendo veículo delas quando necessário e coparticipando do desenvolvimento de novos ajustamentos. Delacroix (2022) afirma que o trabalho do xamã se dá na abertura da consciência e em processos catárticos focados na fase de pré-contato, mobilizando a função *id* e conteúdos “crus” e difusos que ficam ao fundo tensionando a formação de figuras nítidas e energizadas. Aqui falamos de consciência encarnada na experiência vivida, sendo nossa compreensão influenciada por Merleau-Ponty (Delacroix 2021, 2022). As intervenções feitas são, primeiramente, voltadas para a consciência pré-reflexiva e a ampliação da *awareness* num sentido *lato*. A assimilação do vivido e a produção de sentido ocorrem posteriormente em entrevistas com o xamã e na interação com a comunidade. Nesta perspectiva, o xamã busca acessar outros níveis de saber, tanto do conhecimento de si, como do outro e do ambiente. São saberes estéticos, mais próximos ao *pathos* e ao sensível, advindos das fenomenologias vividas e apreendidas para além de aspectos identitários e racionais. Tal movimento, sugere um retorno uma base fenomenológica outra, de cunho pré-reflexivo, de corporeidade. Assim, a transformação de si e da relação com o outro acontece em dimensões não-ordinárias para o paradigma materialista moderno.

PSICOTERAPIAS ASSISTIDAS POR PSICODÉLICOS: RECUPERANDO PERSPECTIVAS ANCESTRAIS PARA REENCONTRAR O CAMINHO?

Em meados do séc. XX, a comunidade científica começou a investigar psicodélicos, novos paradigmas de consciência e a produção de sentido, bem como formas de seu uso em psicoterapia individual e em grupo (Carhart-Harris *et al.*, 2014; Johnstad, 2020; Passie *et al.*, 2022; Rodrigues, 2019). Mesmo período de nascimento das escolas compreensivas, de embasamento fenomenológico-existencial, como a Gestalt-terapia. Era uma tentativa de se aproximar do *pathos*, redescobrir o que nos torna humanos e produtores de sentido e propósitos de vida. Após um período de proibicionismo infértil, violento e, porque não dizer

em concordância com Naranjo (2020), tragicômico, o início do séc. XXI observou o renascimento das pesquisas sobre PAP para quadros crônicos e não respondentes aos fármacos e modelos psicoterápicos comumente utilizados.

Nutt, Spriggs e Erritzoe (2023) nos lembram que a convenção das Nações Unidas que classifica psicodélicos clássicos como perigosos e sem potencial para tratamentos não é baseada em evidências e exagera no apontamento de riscos e danos para pacientes. Levantamento feito por Hendricks, Thorne, Clark, Coombs e Johnson (2015) com dados da *National Survey on Drug Use and Health* sobre 190.000 participantes adultos apontou que o uso de psicodélicos clássicos, ao contrário da expectativa do senso comum, foi um fator de proteção de saúde mental. Os autores encontraram que o uso continuado reduziu as chances do participante de experienciar sofrimento psicológico no mês anterior à coleta de dados, e de ideação, planejamento e tentativa de suicídio no último ano. Em contraposição, o uso de outras drogas estava altamente associado com esses fatores. Estes autores reiteram também o baixo risco de abuso dessas substâncias e sugerem a continuidade da investigação do uso de psicodélicos clássicos como fármacos para tratamentos de quadros diversos em saúde mental, como depressão, ansiedade, TOC, TEPT, por exemplo (Hendricks *et al.*, 2015; Nutt *et al.*, 2023; Reiff *et al.*, 2020), inclusive para dependência química de álcool e tabaco (Nutt *et al.*, 2023).

Pesquisas sugerem que a terapia assistida por psicodélicos pode ser eficaz no tratamento de uma variedade de condições de saúde mental, incluindo depressão, ansiedade, TEPT e dependência química (Nutt *et al.*, 2023; Reiff *et al.*, 2020). Um dos efeitos mais comuns desses fármacos é a redução da atividade da rede de modo padrão, responsável por tarefas como informação autobiográfica, autorreferência, evocação de memórias, empatia, qualificação emocional de situações, julgamento social e compreensão de narrativas. Assim, o processamento neural aumenta em entropia, ou seja, impossibilitado de acontecer por caminhos neurais habituais, ele utiliza “vias secundárias” produzindo novos sentidos (Carhart-Harris *et al.*, 2014; Nutt *et al.*, 2023). Somam-se a isto análises que sugerem efeitos de neuroplasticidade e evidências clínicas que indicam que tais medicações assistiriam a psicoterapia na produção de novos sentidos e conceitos; porém, as investigações não são precisas em apontar o papel específico dos fármacos e da psicoterapia na totalidade da experiência de atravessamento do sofrimento e promoção de um quadro clínico mais saudável (Carhart-Harris *et al.*, 2014; Nutt *et al.*, 2023; Reiff *et al.*, 2020). Independe da funcionalidade de qual variável específica, o resultado da intervenção proposta com a PAP se assemelha à descrição que Delacroix (2021) faz do terapeuta tradicional (como ele chama a pessoa medicina de povos originários) trabalhando com metodologias diversas numa posição paradoxal, isto é, colocar em desordem a desordem de alguns sofrimentos psíquicos a fim de retomar a saúde e a vida plena.

Estudos também apontam que condições fisiológicas, biografia, estado emocional durante a sessão com o fármaco, o ambiente de ingestão da medicação, entre outros fatores, compõem o contexto *set and setting* largamente descrito na literatura e que levam a experiências e prognósticos clínicos igualmente diversos (Eisner, 1997; Langlitz, 2023; Nutt *et al.*, 2023; Passie *et al.*, 2022; Reiff *et al.*, 2020). *Set* se refere às variáveis relativas ao paciente, sejam elas físicas, psicológicas ou biográficas, e *setting* são as referentes ao ambiente de administração do psicoativo. Um quarto fator se faz presente na equação da experiência, ou seja, o fundo cultural do qual o indivíduo participa, de onde vem antes da experiência psicodélica e para onde retornará. Eisner (1997) nos lembra que um recorte mais restrito da cena de uso do psicoativo pode nos levar a erros de compreensão do vivido ao desconsiderar a *matrix* maior que abarca o campo experiencial. Em alinhamento tal perspectiva, Winkelman (2010, 2021) afirma que a consciência humana e nossa capacidade de produzir sentidos são influenciadas tanto por variáveis fisiológicas quanto simbólicas. Ou seja, estamos aqui falando de algo já previsto em uma de nossas raízes, a teoria de campo. Nas pesquisas mais recentes (vide as citadas neste texto), observamos uma tendência a considerar o fármaco uma das variáveis e não a mais importante no resultado e no prognóstico, o que nos aproxima de um contexto xamânico e transpessoal conforme discutimos anteriormente.

A retomada da ciência psicodélica convoca a Psicologia para o estudo de sua literatura e dos achados mais recentes a respeito do paradigma clínico emergente em PAP. A inserção desses fármacos nos tratamentos em saúde mental promete modificações importantes no manejo clínico e na compreensão da produção de sentido das experiências vividas (Carhart-Harris *et al.*, 2014; Johnson, 2022; Letheby, 2022; Letheby; Mattu, 2021; Naranjo, 2005, 2020; Reiff *et al.*, 2020). Passie e colaboradores (2022) reafirmam a intenção tanto dos protocolos antigos quanto dos contemporâneos de sustentar um viés fenomenológico, estimulando a investigação introspectiva durante o período de ação do fármaco e posteriormente integrando o vivido e produzindo sentidos em sessões psicoterápicas subsequentes.

ATRAVESSAMENTOS, TRANSVERSALIDADES E ENCRUZILHADAS: PARA ONDE VAI ESSA PICADA?

Temos observado cada vez mais convites para o reconhecimento da ancestralidade, para a reconexão com algo maior e mais íntimo, um “retorno para casa” (Delacroix, 2021, 2022; Naranjo, 2000, 2005; Ribeiro, 2009), não só através de “tecnologias antigas” como também das contemporâneas (Evans, 2018). Alguns Gestalt-terapeutas defensores de psicodélicos, como Delacroix (2004a, 2004b, 2021, 2022) e Naranjo (2000, 2005; 2020), os veem como ferramentas para desenvolvimento espiritual e psicológico. Na encruzilhada entre Gestalt-terapia, espiritualidade e psicodélicos, sabemos que o uso desses fármacos

pode facilitar experiências de dissolução do ego, transcendência e conexão com algo maior do que si mesmo. Vivências que se assemelham às orquestradas por xamãs.

Embora existam algumas aproximações entre esses três caminhos (Gestalt-terapia, psicodélicos e espiritualidade), eles não estão necessariamente ou diretamente ligados entre si. Algumas pessoas podem optar por explorar sua espiritualidade, independente do uso de psicodélicos ou de se dedicar à psicoterapia. Outras, buscam por psicoterapia sem considerar seu desenvolvimento espiritual ou aspectos transcendentais ou transpessoais, e talvez nunca tenham uma experiência extática ou mesmo psicodélica. Ainda temos aqueles que usam psicodélicos como forma de crescimento pessoal e autoconsciência sem considerar esses mesmos aspectos ou simplesmente por recreação. Percorrer o caminho levando em conta psicoterapia, espiritualidade e psicodélicos é uma escolha individual e que certamente não faz parte da maior parte da população.

Como disse anteriormente, o uso de substâncias psicoativas faz parte da História e diversas tradições religiosas possuem alguma relação com psicoativos usados para evocar estados alterados de consciência com intuito espiritual. Elas foram duramente reprimidas nas sociedades ocidentais no último século por questões racistas e por destoarem dos paradigmas epistemológico, político e moral vigentes (Arnaud; Sharpe, 2023; Evans, 2018; Naranjo, 2005; Rodrigues, 2019); afinal, atingir estados extáticos e perder o controle está na contramão da ideologia moderna (Evans, 2018; Naranjo, 2000). A tradição gestáltica, nos convida justamente a nos perdemos cuidadosamente em nós mesmos e no outro (Ribeiro, 2009), desapegarmos do controle e a nos expressarmos livremente (Naranjo, 1978, 2013). Nosso caminho é o da expressão ao invés da evitação, da abstração e da manipulação neurótica. Nosso caminho é da consciência orgânica, do reconhecimento de uma sabedoria pré-reflexiva fruto do contato vívido vivido. A Gestalt-terapia, assim como várias tradições ancestrais, busca confirmar a experiência vivida e nos conectar ao fluir com os elementos presentes no campo, isto é, contatar numa perspectiva transpessoal.

Pode parecer preocupante alguém ingerir uma substância para vivenciar uma experiência de transcendência e transpessoalidade. Por outro lado, é igualmente comum outras estratégias como jejuar, técnicas de respiração, danças, entoar cânticos e rezos, privação do sono, entre tantas outras para alterar a fisiologia e o contexto de contato com o objetivo de experienciar estados não-ordinários de consciência e outras formas de se relacionar com a vida. A ingestão de psicoativos com propósitos espirituais ou psicoterápicos se difere do uso recreativo e/ou abusivo, uma vez que se caracteriza por ser sistemática, planejada, controlada e contextualizada (Arnaud; Sharpe, 2023; Naranjo, 2005, 2020; Winkelman, 2010). O desejo de crescimento pessoal e a busca por sabedoria e transcendência tendem a caracterizar o uso pouco frequente ou pontual de psicodélicos. Arnaud e Sharpe (2023), por exemplo, observaram em sua

investigação com 684 usuários de psicoativos que aqueles que incluíam tais substâncias como parte de sua prática espiritual participavam de rituais individuais ou coletivos três ou quatro vezes ao ano, com doses moderadas a altas, e que buscavam integrar as experiências com meditação e refletindo sobre o aprendizado e como considerar elas em seu cotidiano. Os autores também observaram que tais participantes relatavam com maior frequência experiências místicas e altos níveis de transcendência. Em pesquisa com uma amostra internacional de 319 usuários de psicodélicos, Johnstad (2020) observou que 43% dos participantes faziam uso sozinhos, 21% acompanhados por uma pessoa e 27% em um grupo de amigos mais íntimos. Os dados também revelaram que 71% dos usuários o faziam por motivações espirituais. Em ambas as pesquisas foram relatados aspectos de espiritualidade como experiências de maior conexão com as pessoas e com a Natureza, sensações inefáveis e de transcendência de si.

Naranjo (2005, 2020) igualmente nos lembra que muitas vezes uma única cerimônia com psicodélicos nos proporciona material para meses de trabalho integrativo em psicoterapia. Como tecnologia de expansão e reconexão, esses psicoativos não têm por objetivo nos retirar da vida cotidiana, nos restringir ou qualquer tipo de evitação; muito pelo contrário, essas substâncias são ferramentas para a introspecção, novas maneiras de perceber o ambiente, oportunizar contatos criativos, facilitar o encontro com emoções e memórias desafiadoras, e fomentar o crescimento pessoal (Arnaud; Sharpe, 2023; Delacroix, 2004a, 2004b, 2022; Freitas, 2023; Johnstad, 2020; Naranjo, 2005, 2020). Reiteramos que o uso isolado e não orientado de psicodélicos não os caracteriza como tratamento ou desenvolvimento pessoal, se não sua incorporação em um contexto ritual mais amplo de busca espiritual e crescimento ou psicoterapêutico. Devemos considerar essas substâncias como um dos elementos que compõem todo um sistema estruturado e voltado para o tratamento e evolução individual (e, por vezes, coletiva), incluindo psicoterapia, dietas alimentares prévias (com ou sem plantas mestras), cânticos, danças, pinturas corporais, rezos, e até mesmo o local no qual se realiza a cerimônia ou o tratamento. Todos esses isoladamente, assim como a substância tomada, já proporcionariam por si só contato com o sagrado e a ampliação da consciência. Contudo, a convergência de todas essas tecnologias em prol da pessoa que busca ajuda promovem um campo maior favorável ao objetivo estabelecido.

Esse é o mesmo apontamento de autores que estudam as PAP (por exemplo, Carhart-Harris *et al.*, 2014; Carhart-Harris *et al.*, 2018). Também vale ressaltar que, assim como todo caminho espiritual, a importância do acompanhamento de alguém conhecedor desse caminho, um guia que nos acompanha na jornada, apontando aqui e ali algo no horizonte e por onde andamos a fim de nos proporcionar momentos de desafio e integração. Assim como o psicoterapeuta, este guia não traz respostas prontas, mas nos convida ao encontro conosco mesmos, reconhecendo quem somos naquele momento, como contactamos e o que desejamos a cada passo. Cada experimento, incluindo o uso de enteógenos ou não,

surge da necessidade que se revela no campo e tem por objetivo incluir novos dados experienciais a partir do vivido, a fim de nos ampliar a possibilidade de escolha e viver criativamente. Carhart-Harris e colaboradores (2014) reafirmam a importância do acompanhamento de um profissional a fim de criar um contexto que promova o aproveitamento da assistência do psicofármaco e reduza os riscos de perda de contato com a realidade e a persistência de pensamentos mágicos ou delirantes, outro ponto relevante em protocolos que incluam estes fármacos. Numa compreensão xamânica, precisamos do xamã-guia-diplomata para ir conosco negociar com outros entes e o sagrado e nos guiar no caminho de volta para casa. Precisamos de alguém que nos acompanhe e nos apoie, se assim for preciso, para que os processos psicológicos e espirituais ativados nesta experiência se completem e sigam seu devido curso.

Claudio Naranjo (2000, 2005, 2020), um de nossos ancestrais na Gestalt-terapia, nos convidou a diálogos entre nossa tradição e o desenvolvimento psicoespiritual assistido por psicodélicos. Seria o caso de recuperarmos uma de nossas características mais radicais e pilar fundamental? A teoria de campo parte de um viés transpessoal. Mesmo que haja uma tendência a se falar da transpessoalidade associando com estados alterados de consciência, paranormalidade e forças do sagrado (Naranjo, 1978), a perspectiva de campo e outros conceitos fundamentais da Gestalt-terapia por si sós nos remetem à necessidade de uma psicologia transpessoal (Delacroix, 2022). Muitas tradições espirituais consideram que o despertar e o desenvolvimento espiritual ocorre quando a pessoa amplia sua capacidade de dar-se conta para além da consciência ordinária, atingindo estados de compreensão mais ampliados e ajustando criativamente as relações com humanos e não-humanos.

Entretanto, um alerta precisa ser feito: o manejo clínico em PAP e o acompanhamento psicológico de usuários de enteógenos não são os mesmos do feito tradicionalmente e merece treinamento específico. A qualificação técnica e a experimentação pessoal talvez sejam pertinentes para o profissional que deseja abarcar novas e antigas tecnologias, bem como dimensões transpessoais e temas espirituais em sua prática clínica. Mas, será o treinamento voltado a descrições fisiológicas dos processos psicológicos suficiente para esta empreitada? Ou estamos preparados para compreender, de fato, processos subjetivos para além da causalidade material (Costa, 2023)? Delacroix (2022, p. 95) reafirma a necessidade de uma sustentação teórica que considere as relações dialógicas, o saber pré-reflexivo da consciência organísmica a partir da fenomenologia emergente e uma ética ecológica:

“A filosofia da Gestalt-terapia pode nos levar a pensar o ato terapêutico como um ato político, a mudança de um provocando reações no outro e assim por diante. (...) Nessa filosofia, as mesmas leis que governam o microcosmo, governam também o macrocosmo: o que toca um, toca o outro. Coloca-se em questão a intencionalidade favorecida do ato terapêutico, na abertura do

pensamento e do coração, no nosso desejo de participar da evolução do mundo. Abre-se espaço aos valores de respeito, de partilha, de generosidade, solidariedade, de tomada de responsabilidade. Cuidar do ambiente não-humano significa cuidar de si e do outro. E, nessa lógica, engajar-se na ação de salvar o planeta terra da destruição é um ato terapêutico e político.”

Cabe a nós da presente geração voltar nossa atenção para as pesquisas atuais e ao uso de conhecimentos ancestrais, cuidando para não fazermos uma apropriação indevida, antiética e descontextualizada, com termos epistemicídios e a instituição de uma nova ordem de biocolonialismo disfarçada de “renascimento psicodélico” (Freitas, 2023; Hauskeller *et al.*, 2023; Williams *et al.*, 2022). Estamos diante da retomada de um paradigma iniciado há décadas na ciência ocidental contemporânea. Um velho e novo paradigma trazido até aqui por gerações e gerações de povos originários a quem devemos render nossa homenagem e gratidão por iluminar nosso caminho de volta para casa e por nos oferecer outras bases epistemológicas e éticas para compreender o nascente cenário filosófico, político e de saúde mental que agora vislumbramos.

REFERÊNCIAS

AMORIM JÚNIOR, S.M.; OLIVEIRA, J.K.S.; OLIVEIRA, T.R.L.; MOURA, K.K.C.F. A morte da Psicologia: A interferência das novas tecnologias na subjetividade e nas relações inter-humanas. *Kalagatos*, v. 21, n. 1, eK24016, 2024. Disponível em: <<https://revistas.uece.br/index.php/kalagatos/article/view/12633>>. Acesso em 3 jun. 2024.

ARNAUD, K. O.; SHARPE, D. Entheogens and spiritual seeking: The quest for self-transcendence, psychological well-being, and psychospiritual growth. *Journal of Psychedelic Studies*, v. 7, n. 1, p. 69-70, 2023. DOI: <http://doi.org/10.1556/2054.2023.00263>. Acesso em 21 abr. 2023.

CARHART-HARRIS, R.L. *et al.* The entropic brain: a theory of conscious states informed by neuroimaging research with psychedelic drugs. *Frontiers in Human Neuroscience*, v. 8, article 20, 2014. DOI: <http://doi.org/10.3389/fnhum.2014.00020>. Acesso em 25 abr. 2023.

CARHART-HARRIS, R.L. *et al.* Psychedelics and the essential importance of context. *Journal of Psychopharmacology*, v. 32, n. 7, p. 725-731, 2018. DOI: <http://doi.org/10.1177/0269881118754710>. Acesso em 25 abr. 2023.

CASTRO, E.V. *Metafísicas canibais*: elementos para uma antropologia pós-estrutural. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

CHING, T. H. W.; GRAZIOPLANE, R.; PITTENGER, C.; KERMENDI, B. *Yale Program for Psychedelic Science (YPPS) Manual for Psilocybin Combined with Non-Directive Support in the Treatment of OCD*. DOI: <http://doi.org/10.31234/osf.io/ba42z>. Acesso em 25 mai. 2024.

COSTA, S.A. O confronto das descrições das emoções: Fenomenologia versus Neurobiologia. *Kalagatos*, v. 20, n. 3, eK23059, 2023. Disponível em:
<<https://revistas.uece.br/index.php/kalagatos/article/view/11368>>. Acesso em 3 jun. 2024.

DELACROIX, Jean-Marie. *Ainsi parle l'esprit de la plante*. Saint-Julien-en-Genevois: Editions Jouvence, 2004a.

DELACROIX, Jean-Marie. *A terceira história: a estética da relação terapeuta-paciente*. Macaé, RJ: Ecovive Edições, 2022.

DELACROIX, Jean-Marie. L'ayahuasca, liane des dieux, liane de la mort: Psychothérapie et chamanisme. *Psychotropes*, v. 10, n. 3-4, p. 97-114, 2004b. DOI: <http://10.3917/psyt.103.0097>. Acesso em 25 abr. 2023.

DELACROIX, J.M. *Plena consciencia en psicoterapia: en la relación paciente-psicoterapeuta*. Ciudad de México: PAX, 2021.

EISNER, B. Set, Setting, and Matrix. *Journal of Psychoactive Drugs*, v. 29, n. 2, p. 213-216, 1997. DOI: 10.1080/02791072.1997.10400190. Acesso em 29 mai. 2024.

EVANS, Jules. *The art of losing control: a philosopher's search for ecstatic experience*. Edinburgh: Canongate, 2018.

FREITAS, J.C.C. Que é isto- a Filopsicodelia?: O Reflorescimento da Filosofia Psicodélica. *Princípios: Revista de Filosofia (UFRN)*, v. 30, n. 62, p. 159-200, 2023. DOI: 10.21680/1983-2109.2023v30n62ID31841. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/principios/article/view/31841>. Acesso em 01 jun. 2024.

GEORGE, J.R.; MICHAELS, T.I.; SEVELIUS, J.; WILLIAMS, M.T. The psychedelic renaissance and the limitations of a White-dominant medical framework: A call for indigenous and ethnic minority inclusion. *Journal of Psychedelic Studies*, v. 4, n. 1, p. 4-15, 2020. DOI: <http://doi.org/10.1556/2054.2019.015>. Acesso em 15 mai. 2024.

GRAY, John. *Cachorros de palha: reflexões sobre humanos e outros animais*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

HAUSKELLER *at el*. Decolonization is a metaphor towards a different ethic. The case from psychedelic studies. *Interdisciplinary Science Reviews*, v. 48, n. 5, p. 732-751, 2023. DOI: <http://doi.org/10.1080/03080188.2022.2122788>. Acesso em 01 mai. 2024.

HENDRICKS, Peter S. *et al*. Classic psychedelic use is associated with reduced psychological distress and suicidality in the United States adult population. *Journal of Psychopharmacology*, v. 29, n. 3, p. 280-288, 2015. DOI: <http://doi.org/10.1177/0269881114565653>. Acesso em 20 dez. 2023.

JOHNSON, M. W. Psychedelic Science Needs Philosophy. *Philosophy and the Mind Sciences*, v.3, e3, 2022. DOI: <http://doi.org/10.33735/phimisci.2022.9452>. Acesso em 03 mai. 2024.

JOHNSTAD, Petter Grahl. Entheogenic experience and spirituality. *Method & Theory in the Study of Religion*, v. 33, n. 5, p. 463-481, 2020. DOI: <http://doi.org/10.1163/15700682-12341512>. Acesso em 01 mai. 2024.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. Editora Companhia das Letras, 2019.

LANGLITZ, N. What good are psychedelic humanities? *Frontiers in Psychology*, v. 13, e1082933, 2023. DOI: <http://doi.org/10.3389/fpsyg.2023.1082933>. Acesso em 01 abr. 2024.

LEARN, Joshua Rapp. *Unraveling the Mysterious Traditions Within Chavín de Huántar*. Discover, 2021. Disponível em <<https://www.discovermagazine.com/planet-earth/unraveling-the-mysterious-traditions-within-chavin-de-huantar>>. Acesso em 20 abr. 2023.

LETHEBY, C. Self and Knowledge in Psychedelic Therapy: Reply to Commentaries on Philosophy of Psychedelics. *Philosophy and the Mind Sciences*, v. 3, e12, 2022. DOI: <http://doi.org/10.33735/phimisci.2022.9642>. Acesso em 01 abr. 2024.

LETHEBY, C; MATTU, J. Philosophy and classic psychedelics: A review of some emerging themes. *Journal of Psychedelic Studies*, v. 5, n. 3, p. 166-175, 2021. DOI: <http://doi.org/10.1556/2054.2021.00191>. Acesso em 01 fev. 2024.

METCALFE, Tom. *European 'shamans' took psychedelic drugs 3,000 years ago*. National Geographic, 2023. Disponível em <<https://www.nationalgeographic.com/history/article/psychedelic-drugs-ancient-europe-evidence-menorca>>. Acesso em 20 abr. 2023.

MITHOEFER, M.C. *A Manual for MDMA-Assisted Psychotherapy in the Treatment of Posttraumatic Stress Disorder*. Santa Cruz, CA: MAPS, 2017. Disponível em: <https://maps.org/wp-content/uploads/2022/05/MDMA-Assisted-Psychotherapy-Treatment-Manual-V8.1-22AUG2017.pdf>. Acesso em 18 jul. 2020.

MOMOTAKE, M. *The Gestalt path of the mini satori*. Mill Valley, CA: Gestalt Institute of San Francisco, 2018.

NARANJO, C. Gestalt therapy as a transpersonal approach. *Gestalt Journal*, v. 1, n. 2, p. 75-81, 1978. Disponível em <[https://www.claudionaranjo.net/pdf_files/gestalt/gestalt as a transpersonal approach english.pdf](https://www.claudionaranjo.net/pdf_files/gestalt/gestalt%20as%20a%20transpersonal%20approach%20english.pdf)>. Acesso em 13 mai. 2023.

NARANJO, C. *La dimensión espiritual de la psicoterapia y el nuevo chamanismo* (6 jun. 2000). Disponível em <[https://www.claudionaranjo.net/pdf_files/theory/dimension espiritual psicoterapia chamanismo s panish.pdf](https://www.claudionaranjo.net/pdf_files/theory/dimension%20espiritual%20psicoterapia%20chamanismo%20spanish.pdf)>. Acesso em 12 mai. 2023.

NARANJO, C. *La vieja y novísima Gestalt: Actitud y práctica de un experiencialismo ateuórico*. Santiago: Cuatro vientos, 2013.

NARANJO, C. *My Psychedelic Explorations: The Healing Power and Transformational Potential of Psychoactive Substances*. Rochester, VT: Parker Street Press, 2020.

NARANJO, C. *The one quest: a map of the ways of transformation*. Nevada City, CA: Gateways Books and Tapes, 2005.

NUTT, David; SPRIGGS, Meg; ERRITZOE, David. Psychedelics therapeutics: What we know, what we think, and what we need to research. *Neuropharmacology*, v. 223, e109257, 2023. DOI: <http://doi.org/10.1016/j.neuropharm.2022.109257>. Acesso em 23 abr. 2023.

PASSIE, Torsten; GUSS, Jeffrey; KRÄHENMANN, Rainer. Lower-dose psycholytic therapy—A neglected approach. *Frontiers in Psychiatry*, v. 13, e1020505, 2022. DOI: <http://doi.org/10.3389/fpsy.2022.1020505>. Acesso em 23 abr. 2023.

PERLS, F. *Psychopathology of awareness*. St. Romain la Virvée: L'Exprimerie, 2019.

PERLS, F.; HEFFERLINE, R.; GOODMAN, P. *Gestalt-terapia*. São Paulo: Summus, 1998.

REIFF, C.M. *et al.* Psychedelics and psychedelic-assisted psychotherapy. *American Journal of Psychiatry*, v. 177, n. 5, p. 391-410, 2020. DOI: <http://doi.org/10.1176/appi.ajp.2019.19010035>. Acesso em 25 abr. 2023.

RESNICK, R.W. [A couple of individuals]. (2020, 01 out.). *An introduction to Gestalt Therapy theory*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=gXG8DOtmmlk>>. Acesso em 01 out. 2020.

RIBEIRO, J.P. *Holismo, ecologia e espiritualidade: caminhos de uma Gestalt plena*. São Paulo: Summus, 2009.

RODRIGUES, S. *Introdução ao uso de psicodélicos em psicoterapia*. Rio de Janeiro: APB, 2019.

VOLLET, L. Threats and challenges to the scientific representation of semantics: Carnap, Quine, and the Lessons of Semantic Skepticism. *Kalagatos*, v. 20, n. 3, p. eK23054, 2023. Disponível em: <<https://revistas.uece.br/index.php/kalagatos/article/view/10891>>. Acesso em 3 jun. 2024.

WILLIAMS, K.; ROMERO, O.S.G.; BRAUNSTEIN, M.; BRANT, S. Indigenous Philosophies and the "Psychedelic Renaissance". *Anthropology of Consciousness*, v. 33, n. 2, p. 506-527, 2022. DOI: <http://doi.org/10.1111/anoc.12161>. Acesso em 23 mai. 2024.

WINKELMAN, Michael. *Shamanism: A biopsychosocial paradigm of consciousness and healing*. Santa Barbara CA: Praeger, 2010.

WINKELMAN, M.J. The Evolved Psychology of Psychedelic Set and Setting: Inferences Regarding the Roles of Shamanism and Entheogenic Ecopsychology. *Front. Pharmacol.*, v. 21, 2021. DOI: <http://doi.org/10.3389/fphar.2021.619890> Acesso em 03 mar. 2024.



PEREIRA, Fábio Nogueira. Integrando Psicoterapia e Espiritualidade: Algumas Reflexões Gestálticas e Psicodélicas sobre a Prática Clínica. *Kalagatos*, Fortaleza, vol.21, n.2, 2024, eK24036, p. 01-19.

Recebido: 05/2024

Aprovado 06/2024

:

